

HOMO SELFIES: OS PRIMEIROS PASSOS DA CAMINHADA ENTRE REAL E VIRTUAL, FOTOGRAFIA E PINTURA

FLÁVIO MICHELAZZO AMORIM JÚNIOR¹;
NÁDIA DA CRUZ SENNA (Orientadora)

¹UFPEl – Mestrado em Artes Visuais – flaviomichelazzo@outlook.com

²UFPEl – Centro de Artes – alecrins@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A prática do retrato, que perpassa nosso cotidiano na contemporaneidade, dá continuidade a uma extensa linha histórica de produção que problematiza questões de identidade e subjetividade presentes nesta categoria do fazer e do pensar artístico. A partir da investigação conduzida por ocasião de meu trabalho de conclusão de curso, intitulado *Humanos Urbanos Ensimesmados – Da Fotografia à Pintura: Retratos*, que consistiu em pinturas de retratos executadas a partir de fotografias obtidas no cotidiano urbano, se dá este desdobramento, sobre a questão do retrato: Personagens urbanos contemporâneos, mergulhados em si, refugiados nos smartphones, aparelho que lhe oferece uma grande variedade de redes sociais e possibilidades de interação em um ambiente paralelo ao alienante e turbulento movimento da rua, colocando-o em um outro universo, o virtual, que talvez possa ser tão alienante quanto a rua.

Se no trabalho anterior havia uma questão pessoal com as problemáticas da pose na fotografia e na pintura, na atual pesquisa proponho investigar a novíssima pose. A autoimagem vem se tornando uma prática de expressão de si predominante na cultura visual contemporânea, que ganha dimensões imensuráveis devido a presença das redes sociais e aplicativos.

A incessante busca do *parecer ser* em detrimento do *ser* decorre do fenômeno reconhecido como *selfie*. Um *selfie* nada mais é que uma fotografia tirada por uma pessoa por ela própria. O braço e o rosto, e, pertinentemente, o espelho. No ano de 2013, *selfie* foi considerada a palavra do ano pelo Oxford English Dictionary (BBC, 2013). Benjamin fala da perda de aura de uma obra de arte, com o surgimento das possibilidades de reprodução (BENJAMIN, 1955), porém, talvez a aura resida hoje nestes retratos virtuais, tão partilhados e adorados. Ao imergir neste universo, lado a lado com estas pessoas, proponho uma reflexão a partir do autorretrato na contemporaneidade, levando essas imagens para o campo da pintura.

O título *Homo Selfies* é uma heteromorfose a partir da definição de homem pela ciência, homo sapiens, com a palavra *selfie*. Desta maneira, o homem sábio dá lugar ao homem que faz *selfies*, uma reconfiguração do homo ludens. O objetivo geral da pesquisa é fomentar uma discussão em torno do autorretrato na contemporaneidade e do comportamento do homem ante a tecnologia, investigando as questões de alteridade e seu detrimento.

O autorretrato com a denominação *selfie* surge nesta atual década de 2010, como uma ferramenta de identificação do sujeito nas redes sociais, e a obsessão na busca pela autoimagem perfeita e fantasiosa, aquela que chame mais atenção, ou até mesmo quando reside nos deslocamentos, ou seja, viagens e passeios, quando a persona escolhe fotografar o momento em vez de vivê-lo. Tudo isso me faz refletir até que ponto pode chegar o narcisismo dos sujeitos contemporâneos, e me leva a construir uma poética que investiga modos de

representação/apresentação e veiculação de papéis sociais, identidades, subjetividades, transgressões e imaginários presentes na arte e na cultura.

2. METODOLOGIA

A pesquisa segue metodologias próprias da pesquisa em poéticas visuais, contemplando o processo criativo, a discussão crítica e filosófica da produção e a inserção junto ao circuito das artes. Assim, experimento materiais e técnicas, construo mapas e modelos, investigo processos autorais afins, procedo levantamentos bibliográficos, imagéticos e documentais para alcançar os propósitos da pesquisa. Como no trabalho anterior, elejo a rua como cenário de obtenção de rostos, não mais munido da câmera fotográfica, mas do smartphone, conectado a internet e ao *Happn*, aplicativo de paquera que conecta pessoas quando as mesmas cruzam entre si pelas ruas, possibilitando que, gostando umas das outras, possam estabelecer vínculos através da tela do aparelho. Portanto, acabo por ressignificar o uso do aplicativo e, a partir destas caminhadas, obterei posteriormente os autorretratos das pessoas que serão levadas ao campo pictórico, após seleções das selfies, nas quais pretendo obter cerca de cem pinturas.

Os referenciais desta pesquisa poética se apoiam em teóricos que se detiveram sobre a produção de retratos e autorretratos ao longo da história da arte, na pintura e na fotografia, como Norbert Schneider, Horst Waldemar Janson, Alberto Tassinari, Annateresa Fabris, Roland Barthes, Susan Sontag e Phillippe Dubois. Sobre o caminhar como forma de obtenção do trabalho artístico, apontamos Michel de Certeau, Francesco Careri e Nelson Brissac Peixoto. Como referencial de discussão em torno do autorretrato, a tese de doutorado de Lauer Alves Nunes dos Santos, que fundamenta o autorretrato na semiótica. Artistas que se detiveram sobre este tipo de produção, como Albrecht Dürer, primeiro a ter um número significativo de autorretratos; as questões levantadas por Andy Warhol ao transformar imagens de consumo da massa em objeto de arte; na contemporaneidade, Lucian Freud, Gerhard Richter e Chuck Close. Unindo arte e tecnologia, David Hockney e Paulo Bernardino. Para as reflexões em torno da produção, aponto Walter Benjamin, Emmanuel Lévinas e Michel Maffesoli como referência filosófica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra em sua etapa inicial: Leitura e fichamento dos autores já selecionados, pesquisa de campo que consiste em caminhadas pela cidade de Pelotas para obtenção de rostos e experimentações no campo do desenho e da pintura. De posse das imagens fotográficas disponibilizadas no aplicativo após o mesmo captar as pessoas ao redor, dou início ao processo de seleção, edição e produção das matrizes que serão projetadas em tela e pictoricamente construídas. Em função das técnicas que atravessam o processo, impõe-se uma discussão sobre arte e tecnologia que deve abordar a participação ativa do modelo, a polifonia dos discursos, suas componentes ideológicas, estéticas e políticas.

4. CONCLUSÕES

Devido ao caráter inicial da pesquisa, as considerações a respeito do trabalho apresentado ainda se encontram em fase de aprofundamento teórico e reflexivo, sendo embasadas, como dito acima, em pensadores como Benjamin, Levinas e Maffesoli, e, da mesma maneira, nas reflexões dos artistas contemporâneos acerca de suas produções e nas considerações sobre as relações entre o homem contemporâneo e a tecnologia, bem como entre arte e tecnologia.

Partindo dos escritos de Lévinas, que discorre sobre as questões da alteridade, o autor nos traz que poucas pessoas são questionadoras acerca do mundo em que vivem, mergulhadas em uma existência superficial e imediatista, ignorando aspectos exteriores. Os que desenvolvem um pensamento crítico enxergam o mundo ao seu redor, por consequência têm afeto por aqueles que o cercam. E este afeto se estabelece através do rosto (LÉVINAS, 2004).

Todavia, o mundo contemporâneo é marcado pela ausência de relações interpessoais de ordem direta, apresentando uma grande gama de relações virtuais tão superficiais e imediatistas como já ditas pelo filósofo, que propõe que, para além de olharmos para o próximo, nos coloquemos no lugar do próximo. Não obstante, talvez se possa concluir que o homem contemporâneo transformou o outro em seu próprio reflexo, ou seja, o espelho. Ou a câmera frontal de seu smartphone.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio C. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARS (São Paulo). **Arte e Tecnologia: Intersecções**. ARS (São Paulo) vol.8 no.16 São Paulo 2010. Acesso em 29/07/2016. Online. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202010000200004&script=sci_arttext
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre Fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2006
- BBC. **'Selfie' named by Oxford Dictionaries as word of 2013**. Acesso em 29/07/2016. Online. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-24992393>
- BELL, Julian. **Uma Nova História da Arte**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.
- BENJAMIN, Walter ET AL.. **Os Pensadores** (Coleção). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: O Caminhar como Prática Estética**. Barcelona: Gustavo Gili, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **Arte e Ilusão: Um Estudo da Psicologia da Representação Pictórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- HOCKNEY, David. **O Conhecimento Secreto: Redescobrimo as Técnicas Perdidas dos Grandes Mestres**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- HONNEF, Klaus. **Arte Contemporânea**. Köln: Benedikt Taschen, 1994.

- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: Ensaio sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto (coord); Evaldo Kuiava; José Nedel; Luiz Wagner; Marcelo Pelizolli. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.
- MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**: Uma Teoria da Fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Editora Marca D'Água, 1996.
- RENNER, Rolf Günter. **Hopper**. Köln, Alemanha: Benedikt Taschen, 2001.
- SANTOS, Lauer A. N. **Regimes de Visibilidade e Construção de Simulacros**: O auto-retrato contemporâneo (Tese). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.
- SCHNEIDER, Norbert. **A Arte do Retrato**. Köln, Alemanha: Benedikt Taschen, 1997.
- SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PEREIRA, João C. B. (org). **A Arte do Retrato: Quotidiano e Circunstância** (Catálogo). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- SMEE, Sebastian. **Lucian Freud**. Köln, Alemanha: Benedikt Taschen, 2008.
- TASSINARI, Alberto. **O Espaço Moderno**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.
- WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Abril Cultural, 1981.